

## Sobre a estupidez no futebol

O futebol não é um jogo de parvos e, especialmente no futebol, ninguém se quer fazer de parvo, excluindo as alturas em que se encontra em perigo de receber um cartão amarelo ou mesmo um encarnado. Contudo, quem não compreende a regra do fora de jogo, no relvado ou nas bancadas, arrisca-se a ser considerado parvo. É que qualquer criança sabe a regra do fora de jogo. E já não há desculpas; qualquer um pode compreendê-la. Com os tradicionais argumentos «sou mulher e não percebo nada de futebol» ou «os intelectuais não se interessam por futebol» fazemo-nos passar por estúpidos, desinteressados e provincianos. O futebol obriga a ter opiniões; a quem nada tem para dizer não se dá atenção por muito tempo. Mas para ser possível manifestar uma opinião tem de se estar dentro do assunto. Com uma única palavra tola pode cair-se no ridículo.

Ou talvez não. Todos os que já ouviram uma conversa sobre futebol conhecem o carácter efêmero das opiniões — floreados sem significado, que são erróneos em relação ao que aconteceu ou acontece. O jogo transforma-se, mas as conversas acerca dele ficam aquém dos acontecimentos. No princípio do futebol não era o verbo, mas sim a bola. O verbo acompanha o que é feito ou não com a bola. Justifica-se, pois, a admiração que inspiram os relatores em directo, que procuram tornar visível através da rádio aquilo que ocorre no campo. No século xx foi a rádio que proporcionou ao futebol a sensação da possibilidade de uma presença global. O sucesso do futebol na televisão foi possível por se ter baseado nesse fundamento, mas muitas vezes não conseguiu emancipar-se da reportagem falada das transmissões radiofónicas. Neste espaço invisível, a conversa sobre futebol transforma-se num palavreado de conversa imaginária de café. Aí a estupidez do futebol joga em casa e funciona como um cavalo de batalha reaccionário contra as transformações do jogo e dos seus adeptos — e também das

---

\* Universidade de Hannover.

adeptas, para o dizer, finalmente, de forma explícita. Embora essa conversa de café seja fictícia, é também real na medida em que os fazedores dos *media* a tomam como referência para tudo e a utilizam como modelo presente que dita o estilo do discurso sobre futebol. Quem quer participar copia este discurso, utiliza as expressões comuns, atiradas para o ar por especialistas, entrevistadores e entrevistados — para, na maior parte dos casos, nada dizerem. A expressão de vazio emitida pela entrevista futebolística após o jogo faz concorrência à entrevista de um político antes de uma negociação. Não é obrigatório que assim seja. Se houver vontade, é possível mudar. Mas para tal é necessária alguma reflexão, reflexão essa que os reaccionários do futebol desejam manter longe do futebol, tão longe como as mulheres. Em vão.

Uma inextinguível estupidez, tão inevitável no futebol com o *amen* na igreja, diz que o futebol não pode ser melhor do que a sociedade na qual se joga. Se isso fosse verdade, ninguém mais iria ao futebol. Repare-se no factor apologético: todos os dislates devem ser aceites, nada se pode fazer. As críticas concretas são difamadas e rotuladas de utópicas; os comentadores mostram-se empedernidos e omniscientes. Esta estupidez disfarçada de realismo passa ao lado da realidade e retira ao futebol a especificidade que justamente o torna atraente.

O futebol é um jogo moderno. Sem o desenvolvimento da sociedade burguesa no longo século XIX e a implantação mundial do princípio da produtividade no *short century* não se pode compreender a sua marcha triunfal. Mas esta não é toda a verdade. O futebol, na qualidade de *teamsport*, possibilita uma experiência social que não é simples de descrever: o todo é mais do que a soma das suas partes. A mera observação de factos isolados não reconhece tal verdade, mas no futebol qualquer criança o sabe. Essa verdade possibilita um dos momentos mais belos e emocionalmente intensos do futebol: a vitória do *outsider*. Atrás da expressão futebolística «no futebol tudo é possível» esconde-se uma experiência real. Se todas as condições estiverem reunidas, incluindo o acaso, que desempenha um papel central no jogo, um zé-ninguém pode vencer o favorito absoluto. Quase todas as condições podem ser averiguadas com um esforço de raciocínio, mas é impossível prever o resultado final. Ainda recentemente, por exemplo, os especialistas sobre futebol caíram no ridículo: a vitória da Grécia, completo *outsider* no Campeonato da Europa de 2004 em Portugal, pode ser vista como a maior sensação do futebol mundial moderno. O futebol contém uma dimensão de utopia que está ameaçada de extinção no contexto da expressão «o futebol não pode ser diferente da sociedade no qual é jogado». Da mesma maneira que existe na referência à América como terra de possibilidades ilimitadas a qualidade humana de um horizonte de expectativas, também o rectângulo mágico do relvado se mantém como espaço onde as promessas podem tornar-se realidade. A caminho do estádio, qualquer um sente essa atmosfera de esperança indefinida. Fala-se ainda, inadvertidamente, de peregrinos.

A incerteza estrutural que antecede o jogo também torna as apostas atractivas. Não são aquelas que corrompem o futebol, pois futebol e aposta estão ligados. Elas trouxeram consigo o princípio da economização e, em consequência, a profissionalização, sem a qual o futebol nunca teria desenvolvido as suas potencialidades globais. A relação entre aposta e jogo deriva da organização social, que pode ser melhor ou pior. Da mesma forma que ninguém exigiria a legalização do roubo com base na recorrência do mesmo, também as estruturas de aposta mafiosas requerem um combate às estruturas mafiosas, que não são, pois, inerentes ao futebol. Mas é inegável que as estruturas burocráticas autoritárias com muitas relações informais facilitam o tráfico mafioso de influências. No futebol organizado pode observar-se, desde há algum tempo, um processo de modernização que combina a representação de notabilidade, herdada do século XIX, com exigências da mais moderna gestão. Este declive social pôs a descoberto figuras de reputação dúbia, como João Havelange ou Sepp Blatter em grande estilo, sempre acompanhados pela mácula de negócios pouco transparentes, ou, por exemplo, o presidente da Associação Alemã de Futebol, Mayer-Vorfelder, comparável a um grande manipulador como Silvio Berlusconi, mas com uma presença bastante mais modesta. Estas pessoas lançam uma sombra sobre o futebol organizado, que ganha pior reputação do que devia.

O futebol é um jogo com autoridade. Fora do campo, diversas autoridades desmontam-se a si próprias ou perdem a legitimidade em consequência das estruturas não democráticas dos clubes e organizações. Mas dentro do campo também surgem autoridades — o jogador com experiência, que sabe fazer a leitura e mudar o rumo do jogo, ou o treinador, cuja entrega ao jogo é total. O árbitro é a única autoridade que chega ao terreno com crédito. Nele está depositada a esperança de que tudo aconteça regularmente. Ao contrário da sociedade onde é praticado, o futebol é um jogo com regras e não um contacto social obrigatório regido por leis. Um árbitro deveria aparecer o menos possível, porque é ele que lembra as limitações das pessoas que nem sempre cumprem as regras. Apesar disso, ou por isso mesmo, no futebol mantém-se viva a possibilidade do *fair play*, que é outra dimensão da utopia. A ideia do *fair play* é declinada pelos tolos realistas e vista como amadorismo ingénuo. No entanto, é um facto que muitas faltas são contraproducentes e que um jogo faltoso compromete o sucesso. Os espectadores ingleses demonstram bem que têm poder para desaprovarem um jogo incorrecto: simular uma falta é visto como pouco desportivo e rude; o jogador da equipa da casa ao provocar grande penalidade é vaiado. O futebol pode ser melhor do que a sociedade em que é praticado, mas isso depende igualmente do tipo de futebol que a «nossa» comunidade do futebol deseja. O adepto também faz parte do jogo e pode modificá-lo.

Os adeptos e o árbitro têm uma relação complicada. Quando a ira popular entra em efervescência, há sempre nela algo de inquietante. «Porco preto»

é um insulto comum nos estádios alemães: quando a autoridade vacila, o racismo e anti-semitismo não estão muito longe. Há décadas que nestes recintos se ouvem acusações de «vendido!, vendido!» quando o público discorda repetidamente das decisões do árbitro — uma lufada de mentalidade de mercado negro ainda nos anos 60 e 70. E é assim até hoje, até ao escândalo actual na arbitragem. O burlão, verdadeiro protagonista do mercado negro, aquele que se transformou em caso exemplar na Alemanha, não tanto depois da segunda guerra, mas no rescaldo da primeira, não é uma figura real para aqueles que o gritam há quarenta anos, mas antes um produto da imaginação. Na memória colectiva subsiste a desconfiança de que nem tudo funciona da maneira mais justa. A ligação entre o futebol e as apostas levanta igualmente a suspeita de que a imprevisibilidade do risco e do acaso possa ser deturpada financeiramente. Quem é o primeiro suspeito senão o homem de preto? Ele personifica a realidade de um deus invisível do futebol. Preto é a sua cor, sinistro como um padre e desarmado no meio de dois lados combatentes. Ele só pode assinalar publicamente aquele que infringe as regras. O melhor árbitro é aquele de que não há memória. O louvor ao seu tacto, à sua sensibilidade, é um sinal do respeito perante uma autoridade que gera justiça, muito além da capacidade de decisão positivista. Ele é a arte da inteligência em futebol e a mão invisível reunidas num só indivíduo.

Desde as confissões de Robert Hoyzer no escândalo do futebol alemão de 2005 que o burlão voltou a ser alguém de carne e osso. Chega a ser comovente como no fim de semana posterior à confissão de suborno os árbitros alemães foram recebidos nos estádios da *Bundesliga* (1.<sup>a</sup> Liga) com muito respeito. São justamente os adeptos mais ferrenhos que sabem ser o árbitro necessário, na qualidade de pessoa neutra e independente e que está acima das duas partes: sem ele, o jogo não seria possível. O árbitro não deve ser como a sociedade em que se pratica o futebol. Nenhum entendido afirmará que o futebol amador é o melhor futebol. «Amador» é um dos insultos futebolísticos mais graves. No entanto, o árbitro não deve cair na tentação do dinheiro. Apesar de haver, entre os árbitros, sujeitos arrogantes, carreiristas e presunçosos, o facto de existirem jornada a jornada dezenas de milhares que em todos os escalões competitivos se expõem à hostilidade contra qualquer forma de autoridade mostra que o futebol é diferente da sociedade onde é jogado. Se não existisse o factor de união que é o amor pelo jogo, todo o funcionamento deste desporto seria impensável.

O caso Hoyzer provoca desilusão por fazer reear que o futebol não possa ser melhor do que a sociedade onde é praticado. A construção da figura do árbitro pertence ao cenário religioso do futebol moderno: a consumação de um sentido ou a realização de uma autoridade legitimadora ligada à possibilidade de justiça impositiva — o árbitro na qualidade de instrumento invisível do deus futebolístico. Mas o árbitro visível incorpora a dúvida

terrena em relação à fé. O árbitro empírico pode comprometer tudo em que se podia acreditar: fé, amor e esperança podem ser destruídos quando ele «apita ao lado» durante o jogo. Nesta situação encontramos o racionalismo. A crítica ao árbitro é necessária e indispensável. Enquanto instrumento de crítica, a prova baseada no registo de vídeo é um meio de análise, mas não é a verdade válida e absoluta. O vídeo pode ajudar a esclarecer se houve realmente fora de jogo ou se a bola ultrapassou a linha de golo, mas esse registo retira ao árbitro o seu sentido mitológico, fazendo dele um ser humano falível. As possibilidades técnicas de esclarecimento deveriam ser aproveitadas pelo futebol profissional com sensibilidade. A prova a partir do registo de vídeo não causou danos ao futebol americano nem ao rápido hóquei sobre gelo. Já não é possível imaginá-los sem estas provas.

Exactamente pelo facto de o árbitro agir na intersecção da fé e do conhecimento, as suas acções são vistas com cepticismo e no grito «porco preto» surge ainda a esperança de um jogo sem falsidades, um «jogo livre», diferente da sociedade onde ocorre. Os pretensos realistas, que vêem manipulação em cada acção que lhes desagrada, contribuem activamente para a destruição das potencialidades do futebol. Em Itália, onde existem boas razões para que a desconfiança em relação ao futebol seja ainda maior do que noutros países, desde há muitos anos que as teorias da conspiração florescem, impedindo a crítica em relação às próprias deficiências. Na opinião dos entendidos, a derrota surge sempre por culpa dos árbitros supostamente corruptos e nunca em resultado da escolha (própria) da táctica errada. Realmente não é bom quando o mito triunfa sobre o racionalismo. A magia do futebol não tem de recear o racionalismo porque uma observação dos acontecimentos no relvado surpreende-nos ao ponto de percebermos que tudo é possível, apesar da dureza e das constantes faltas. O futebol dá vida à fantástica ideia de que a sociedade, afinal, podia ser mesmo melhor do que a sociedade onde ele se joga.

O futebol e a sociedade não estão separados pela muralha da China. O futebol surgiu na sociedade inglesa do século XIX e expandiu-se, com os ingleses, o seu *empire* e o mercado mundial, pelo mundo inteiro. A génese do futebol moderno coincide no tempo com a época burguesa, em que se verificou uma *invention of tradition*. Até hoje complementam-se e alternam-se afirmações estúpidas segundo as quais o futebol seria um desporto proletário ou uma honrosa componente da cultura da humanidade desde os antigos chineses até aos astecas. A necessidade de desvalorizar o futebol em termos sociais e revalorizá-lo culturalmente resulta exactamente desta origem pouco definida nos primórdios da sociedade burguesa.

Só faz sentido falar de «futebol» desde que ele passou a ser um desporto e aqui não restam dúvidas de que o futebol triunfou por todo o mundo na qualidade de *english sport*. A transformação de uma sociedade pré-burguesa

numa sociedade burguesa é necessária para que o desporto possa, pura e simplesmente, existir. Foi na Inglaterra que isto aconteceu primeiro e da forma mais eficaz e sustentada: do privilégio aristocrático do lazer surgiram as ocupações para os tempos livres. Já as sociedades tradicionais, como a chinesa e a asteca, não conheciam tempos livres. Aqui os relatos de movimentação de objectos com os pés podem levar às comparações mais delirantes com elementos de práticas de culto. Mas aquelas práticas não eram rituais desportivos, tal como o não eram os jogos-combate populares de aldeia na sociedade pré-burguesa da Inglaterra. Com a crescente urbanização, as forças da ordem viam esses motins com desconfiança e proibiram-nos. Contudo, estes jogos entraram de maneira ainda mais irregular nas escolas públicas inglesas, as mesmas instituições de educação onde se deu a invenção do futebol moderno e que devem ser vistas como o local de origem do futebol como actividade desportiva. Nos círculos nacionalistas e de cultura burguesa no continente europeu era grande a tentação de negar a origem inglesa do jogo ou mesmo de o rejeitar ou proibir totalmente.

Medir forças com a Inglaterra ou fazer comparações com os ingleses seria programa obrigatório para os futebolistas em todo o mundo até que o *national team* inglês perdeu a magia com a derrota por 6-3 face à Hungria em 1953 e seis meses depois no jogo de retribuição em Budapeste por 7-1. Mas no último terço do século XIX o mundo ainda observava como os britânicos se defrontavam entre si. Aqueles que tinham formulado as regras dominavam a organização da *Football Association (FA)*; eram *gentlemen*, produtos da sociedade de classes inglesa e o seu *fair play* contrastava com o perigoso princípio de «ganhar a qualquer preço». A *FA* não necessitava de um atributo nacional, já que a universalidade estava presente no jogo, da mesma forma que no *empire* e no mercado mundial. Não era preciso ser inglês para jogar futebol — e também não era preciso ser um *gentleman*. Com a ascensão do capitalismo industrial surgiu no Norte da Inglaterra a *Football League*, que trouxe ao jogo a identidade local e os operários. Com eles apareceu também a ambição de querer vencer a todo o custo. A forma organizativa do futebol manteve-se burguesa, embora com uma aparência distinta, o clube, ou por vezes a empresa ou a comunidade. O futebol não se desenvolveu *como* a sociedade burguesa inglesa, mas como *uma parte* dela.

Deduzir a analogia do futebol em relação à sociedade, e vice-versa, produz estupidez, porque não se reconhece o carácter genuinamente social do jogo. O futebol encerra a revolta de miúdos aristocráticos contra a educação escolar, assim como a revolução dos burgueses orientados para a vitória contra os aristocratas arrivistas, ou ainda a vontade de movimentação livre das classes que exerciam o trabalho fisicamente mais duro. Mas no futebol está também contido o oposto: controlo, disciplina e esforço físico. Mau-grado todo o entusiasmo, não deveríamos ignorar a dialéctica de progresso no futebol: a liberdade e a dominação entrelaçam-se no jogo e somente aquele

que se submete à soberania de uma ordem no jogo pode sair do campo como vencedor. O carácter de compromisso que marca o curso normal das coisas burguesas também encontra expressão no empate.

Essa estupidez que é o mito do futebol como desporto do proletariado explica-se facilmente pela génese do futebol inglês. Na sociedade burguesa, os operários não constroem um mundo próprio, são antes parte integrante dessa sociedade. Os burgueses em ascensão, do Norte, que queriam dar uma lição aos *old Etonians*, do Sul, foram buscar jogadores a um reservatório mais vasto do que aquele das *public schools*: às fábricas e à Escócia. Em Inglaterra, já nos anos 80 do *long century*, os jogadores eram pagos. A acusação do declínio dos bons velhos costumes, tão adequadamente denominada pessimismo da cultura do jogo, faz parte do futebol desde há mais de cem anos; é que depois de 1882 já nenhum dos nobres amadores conseguiu vencer a FA Cup (Taça da Inglaterra). Tal como ficou convincentemente demonstrado por Stephen Wagg (*Giving the Game Away*, 1995), foi isso que provocou, a médio prazo, uma retirada dos *gentlemen* do futebol. Nasceu assim o mito do futebol do proletariado, porque os jogadores pagos se encontravam ainda durante os anos 60 incluídos no horizonte social dos trabalhadores especializados bem remunerados.

As jeremiadas sobre a comercialização do desporto impedem que se perceba que somente a profissionalização possibilitou a marcha triunfal do futebol em todo o mundo. As tiradas contra o comércio não são apenas no futebol uma estupidez: a revolta contra a influência ruínosa do dinheiro pertence ao arsenal do anti-semitismo. A luta dos nazis contra o futebol profissional, acolhida gratamente pela DFB (Federação Alemã de Futebol), utilizou expressivamente esses argumentos. A introdução historicamente tardia do futebol profissional na Alemanha Ocidental em 1962 não se pode explicar sem esse passe duplo da Alemanha nazi e da DFB. Internacionalmente, ou seja, na América do Sul e na Europa continental, o futebol profissional já se tinha afirmado em 1930: a remuneração possibilitava a participação dos operários e dos grupos étnicos discriminados no funcionamento regular do jogo. Contudo, não se deve confundir essa remuneração profissional com os valores astronómicos que estão em jogo desde os anos 80 nos campeonatos de *top*. A comercialização do futebol através da televisão e a nova liberdade contratual dos jogadores após o acórdão Bosman em 1995\* transformaram o futebol

---

\* A 15 de Dezembro de 1995, a União Europeia, através do seu Tribunal de Justiça, dava razão ao futebolista belga Bosman e considerava ilegais as limitações impostas às transferências de jogadores entre clubes dos Estados membros devido ao facto de aquelas contrariarem o princípio da livre circulação de trabalhadores no espaço comunitário. Consequentemente, os futebolistas comunitários em final de contrato ficavam livres de se transferirem sem necessidade de compensarem o anterior clube, ao mesmo tempo que se tornavam inválidas as regras da UEFA que limitavam o número de jogadores estrangeiros (comunitários) em cada clube.

numa componente da indústria do entretenimento, na qual se cultivava um estilo de vida diferente do da classe média bem situada na vida. Até aos anos 60 existia no futebol a possibilidade de ganhar dinheiro fácil com uma profissão que era agradável, contrariamente ao trabalho em minas ou fábricas. Os antigos fundadores do futebol de *gentlemen* já há muito haviam voltado as costas a este desporto: desde os anos 20 jogava-se rãguebi nas *public schools*. O mito do futebol profissional provém do tempo após a primeira guerra mundial, quando a melhoria das condições de vida transformou o futebol num espectáculo de massas. A expressão «saudável dureza inglesa» lembra ainda a atitude profissional de lutar por cada bola e renunciar, num interesse recíproco, à agressão ao adversário.

A história do futebol do século XX é a da sua internacionalização e profissionalização. As formas nacionais do jogo de futebol não podem ser compreendidas fora da forma específica de desenvolvimento social. O futebol teve, sem dúvida, um acréscimo de popularidade devido à primeira guerra mundial. Nos dois lados da frente, os oficiais ensinavam o jogo às suas tropas. O futebol não fomentava somente a obediência cega, mas treinava também a actuação individual em equipa em condições dificilmente previsíveis. O conflito entre autoritarismo e liberdade de actuação atravessa o futebol até aos dias de hoje, manifestando-se em presidentes e treinadores que se comportam como ditadores ou em jogadores que se revoltam. Mesmo entre os jogadores lendários do Ajax de Amsterdão do início dos anos 70 coexistiam lado a lado o ideal do jogador emancipado que queria praticar o *football total* e o «general» Rinus Michels. Indubitavelmente, Johan Cruyff ocupava, tanto na equipa desse clube como na selecção nacional holandesa, um lugar de excepção, o que não era condizente com a noção de uma sociedade democrática e igualitária. Por outro lado, lembramo-nos imediatamente da figura de Beckenbauer, intitulado *der Kaiser* (o imperador). Mas o fenómeno *der Kaiser* nasceu somente em 1974 devido ao declínio da autoridade do seleccionador nacional alemão Helmut Schoen. Depois da saída deste deu-se início à desgraça dos treinadores de futebol da selecção nacional alemã, que somente Beckenbauer conseguiu inverter durante quase uma década. No entanto, a autoridade de Beckenbauer emergiu de uma carreira única e da sua popularidade como jogador, que lhe granjearam uma imagem pública intocável na Alemanha. Os seus comentários aos jogos frequentemente provocavam desaprovação, mas a imprensa tablóide apoiava-o. A sua opinião sobre o jogo, do ponto de vista do treinador, não era inovadora (ao contrário de Cruyff): insistiu durante muito tempo na cobertura homem a homem, com trinco e líbero, e pregava as «virtudes alemãs», que levaram a Alemanha à estagnação atlética.

No contraponto deste tipo de treinadores, que foram anteriormente grandes jogadores, surgiram nos últimos tempos técnicos que apostam num futebol conceptual, por vezes vendido como «filosofia», em conjunto com

pregões mercantis. Este falso tom já não tem tanto que ver, como há trinta anos, com a necessidade de validação cultural em relação à tradicional perda de valores da formação burguesa. Está sobretudo relacionado com a mistura da linguagem do *marketing* futebolístico com o mundo da publicidade, no qual se pode falar mesmo sem pestanejar, de «filosofia de empresa e do produto». O futebol-espectáculo orientado para o público transformou-se, na última década do século XX, numa componente da indústria de entretenimento, marcando igualmente a imagem do jogo. Os grandes torneios, como os campeonatos do mundo, que podiam ser acompanhados na televisão gratuita aceleraram a globalização do futebol, no melhor sentido. As crianças de todo o mundo sabem quem são os melhores jogadores e querem ser como eles. A televisão, como meio de comunicação, fez também com que o futebol saísse dos tradicionais círculos masculinos interessados, mas aqui esperam-no diversas possibilidades e perigos. A partir deste novo interesse de novos grupos sociais pode desenvolver-se um renovado interesse em visitar os estádios: sem ele o futebol-espectáculo correria o risco de despovoamento. A polémica contra a presença dos engravatados e das mulheres entre os espectadores é pura e simplesmente reaccionária, mas uma política empresarial de escassez do produto futebolístico, com preços mais altos e exclusividade nos canais de televisão pagos, ameaça o carácter deste desporto como *people's game*. O público transformou-se, já não é formado por massas proletárias e cidadãos distintos, mas para captar o interesse geral o futebol necessita de todos os recursos; na qualidade de entretenimento para as camadas sociais mais altas acabará por estagnar.

Na verdade, o futebol de topo, como hoje em dia se vai cristalizando na relação entre os campeonatos nacionais e a Liga dos Campeões da UEFA, movimenta-se num terreno minado. A colossal dívida em que se encontra o futebol de topo levou-o a uma dependência de interesses económicos exteriores que transforma o público em objecto de exploração e o jogo num instrumento de poder e manipulação populista. Exemplo do primeiro caso é o Manchester United após a tomada de posse de Nathan Glazer e do segundo a política de Silvio Berlusconi para o futebol e para os *media*. Indubitavelmente, o futebol tornou-se, já no século XX, uma mercadoria. Mas uma mercadoria que exige tratamento especializado. A estupidez, tanto económica como política, ameaça arruinar o futebol de topo. Enquanto *jogo do povo*, o futebol só pode sobreviver se criar um observador potencialmente participante. Entre as próprias experiências pessoais com a bola e os acontecimentos observados na relva deve poder produzir-se uma relação: é desta forma que se criam especialistas. É este conhecimento especializado que possibilita a percepção das estratégias manipulativas de presidentes de clubes e dos peritos de *marketing*. Até porque cada vez mais aumenta a tentação de incluir as autoridades futebolísticas na estratégia do *marketing* e de,

assim, as corromper. Uma figura como Franz Beckenbauer, capaz de desempenhar qualquer papel, encarna a amálgama inextrincável de espectáculo, poder mediático, confiança cega na autoridade e corrupção estrutural. Nos dias de hoje, um adepto do futebol deve também estar ao corrente dos condicionalismos extrafutebolísticos para poder analisar as afirmações destes especialistas.

O futebol globalizado abre uma possibilidade utópica ao produzir um luxo no qual as massas podem participar. Nele surge a abundância, que hoje seria possível também na sociedade mais vasta onde ele é jogado. No entanto, no futebol profissional tornam-se igualmente visíveis as qualidades destrutivas resultantes de certas formas de organização social. A expansão ilimitada do princípio do lucro que não respeita as circunstâncias específicas de desenvolvimento ameaça ao mesmo tempo a produção e o consumo. A migração mundial de jogadores de futebol melhora as possibilidades futebolísticas imanentes numa escala até aqui desconhecida, mas um movimento internacional desmesurado desgasta os jogadores e a sua atractividade num prazo cada vez menor. Contudo, o poder de atracção é uma qualidade valiosa e o futebol de competição, em que se impõe o princípio da «vitória a todo o custo», não se encontra em primeiro lugar na preferência das massas. Mesmo no tempo das *superligas*, a saudade de um jogo bonito não desapareceu. A principal ameaça para o futebol vem da estupidez dos seus fazedores, que não vêem a economia como fundamento racional para um bom jogo, mas que tanto a menosprezam como a tomam por principal objectivo do jogo.